

forma radical, da intuição, e que as axiomáticas não possam ser reduzidas a um formalismo integral, como ainda a impossibilidade de reduzir a lógica a um formalismo puro. Para isso seria necessário um paradoxo: a existência de uma relação sem correlatos.

Na floresta de símbolos das matemáticas e da lógica, o hábito da abstracção e o virtuosismo do pensamento abstracto, quasi faz pensar que se trabalha com relações formais puras; mas os correlatos existem sempre, e de correlato em correlato, vimos sempre mergulhar nos dados imediatos intuitivos. Mesmo a noção de *limite* é impossível de pensar isolada; um limite não existe sem um influxo infindo que tende para êle, e é impossível de ser pensado sem êste fluxo.

E quando Hilbert (1) nos diz «pensemos coisas e relações entre as coisas», não consegue fundar-se na relação pura, pois êle pensa, embora por símbolos mentais, os correlatos sem os quais em relação alguma se podia fundar.

Da relação primordial, estabelecida entre dados imediatos, à relação que vamos encontrar no cimo de uma pirâmide matemática ou lógica de relações, a distância é tão grande, e tão grande a altura, que os correlatos últimos são quasi invisíveis, e tudo parece jôgo formal puro, símbolos formais; mas descendo de relação em relação, e de correlato em correlato, vimos sempre encontrar, como últimos dados de intuição, isto é, elementos psicológicos.

Por isso mesmo o movimento filosófico, nas suas oscilações volta sempre às bases positivas, como ultimamente o movimento neo-positivista empiro-lógico. O *Erlebnis* não é mais que uma correlação entre dados psicológicos imediatos, e o célebre «molusco» de Einstein respeita as coinci-

dências absolutas: «a possibilidade de uma relatividade generalizada apareceu a Einstein, diz Langevin (1) quando reparou em que as leis da física não fazem senão coordenar as nossas sensações e que estas resultam todas de coincidências absolutas. Todas as nossas leis não são senão a afirmação de encadeados de coincidências absolutas, e, como êstes encadeados são independentes de sistemas de referências, deve ser possível enunciar as leis da física independentemente dêstes sistemas».

Regularidade, constância nas relações imediatamente dadas, tal é o Real positivo, o único absoluto basilar que representa o mundo positivo. Todas as difiuldades, problemas, da ciência e da filosofia positivas giram em volta dêste ponto; seja porém como fôr é o único estável, porque é o *único* seguro que existe: o resto é construído sôbre êle, qualquer que seja o processo.

A Metafísica constrói igualmente sôbre êle, como a ciência e o positivismo; mas enquanto êstes não perdem jámais de vista o terreno em que assentam, a Metafísica levanta vôo, afasta-se dêle, e perde-se nos ares: aí ela esvoaça em todos os sentidos, e não chega a parte alguma. Porquê? Precisamente porque a ciência trabalha com a relação tal como ela é, dependente e independente dos correlatos, sem jamais abandonar os termos, sem jamais os esquecer, por mais longe ou mais baixo que êles fiquem; a Metafísica pelo contrário, tende constantemente para desarticular a Relação dos correlatos, esquecendo êstes últimos, e trabalhando em seguida com o conceito reduzido a uma Relação amputada, incondicionada. Esta Relação assim amputada é transformada em Símbolos, que por seu turno exercem uma constante sugestão no pensar metafísico.

(1) Hilbert, «Die Logischen Grundlagen des Mathematik».

(1) Langevin, «La Réalité, conclusion générale».

